



LUTA e MEMÓRIA

O acirramento das contradições no Império: uma entrevista com Leo Panitch

Ana Garcia*

Debora Gaspar**

Filipe Mendonça***

Leo Panitch (*In Memoriam*)

O trabalho de Leo Panitch tem sido fundamental em nossa formação como estudiosos de Relações Internacionais (RI) no Brasil. Embora pouco tenha sido traduzido para o português ou espanhol, seu trabalho influenciou não só nossa formação acadêmica pessoal, mas também muitos estudiosos em busca de análises marxistas em RI. Consideramos que o pensamento crítico de Panitch ocupa um lugar único no campo das RI, que tem sido particularmente avesso ao marxismo. Argumentamos em outros trabalhos que a obra de Panitch deve ser lida como teoria das RI. Considerar Panitch como um teórico das RI implica uma profunda discussão sobre o papel e as funções do Estado capitalista na promoção da globalização, bem como repensar a natureza e as atuais configurações do imperialismo (Garcia e Bugiato, 2019). Para compreendê-lo é necessário considerar os processos de internacionalização do Estado, assim como a integração outros Estados ao império informal norte-americano.

Segundo Panitch e Gindin, a “internacionalização do Estado” significa o processo por meio do qual os Estados encorajam e apoiam capitalistas a exercer atividades para além de suas fronteiras, porém sempre mantendo uma dimensão nacional nos processos de internacionalização capitalista. Assim, os Estados capitalistas (centrais e periféricos) assumiram a responsabilidade de promover a acumulação de capital de forma a contribuir com a administração da ordem capitalista internacional gerenciada pelos EUA (Panitch e Gindin, 2012: 4). Nesta perspectiva, o Estado estadunidense não ditou isso a outros Estados, mas sim colocou os parâmetros dentro dos quais os outros Estados determinavam seu curso de ação (Panitch e Gindin, 2012: 8).

No processo de apoiar a exportação de capital e a expansão de suas multinacionais, o Estado americano assumiu um papel imperial e policial, com a crescente responsabilidade na criação das condições políticas e jurídicas para a extensão e reprodução do capitalismo de forma internacional. Isso exigiu o desenvolvimento de capacidades das agências estatais para promover os produtos

* Ana Garcia é professora de Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

** Débora Gaspar é professora de Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

*** Filipe Mendonça é professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia.

americanos em todo o mundo, baixando suas tarifas comerciais e as de outros Estados, assim como o policiando os regimes de comércio e investimento, a fim de garantir a livre circulação e acumulação de capital em todo o mundo – não apenas do capital estadunidense. Panitch e Gindin destacam o papel ativo das diferentes instâncias do Estado americano, como o poder judiciário, o Tesouro, o *Federal Reserve*, o próprio poder executivo e seus departamentos (Panitch e Gindin, 2012: 31-35).

Resulta de tudo isso que a expansão dos mercados, das relações sociais capitalistas e seus valores dependeram dos Estados, em particular dos EUA. O Estado estadunidense desenvolveu o interesse e a capacidade de conduzir a construção do capitalismo globalmente. Porém, ele não o fez sozinho, mas através de um alto grau de integração entre Estados capitalistas avançados. A manutenção da globalização capitalista contou com o compromisso interestatal, especialmente mediante articulações como o G7 (depois G20) que, em momentos de crise, conseguiram evitar o protecionismo e fortalecer o papel do Estado estadunidense como prestador de última instância.

Isto constitui o que Panitch e Gindin chamam de “império informal norte-americano” (Panitch e Gindin, 2004). Este se caracteriza pela capacidade do Estado estadunidense de penetrar e coordenar os outros Estados líderes capitalistas. O dinamismo do capitalismo americano e o seu apelo mundial, combinado a uma linguagem universalista da ideologia de democracia liberal, apoiaram a capacidade do império informal de ir além dos impérios anteriores. Desta forma, ordem capitalista mundial foi organizada e regulamentada mediante a reconstrução de outros Estados como Estados capitalistas, com instituições e práticas burocráticas, coercivas e jurídicas que assegurassem a acumulação de capital em todos os lugares, sendo a ocupação territorial direta não mais uma estratégia prioritária (Panitch e Gindin, 2004: 32).

Assim, Panitch e Gindin procuram desfazer um senso comum dentro do marxismo (clássico e contemporâneo), bem como do realismo nas Relações Internacionais, que é expectativa de um ressurgimento da rivalidade interimperialista (ou de potências revisionistas, no caso do realismo). Em sua visão, essas análises falhavam em enxergar a profundidade da incorporação de outros Estados capitalistas avançados no novo império americano. Ao contrário de uma rivalidade interimperialista, os EUA apoiaram o renascimento dos seus competidores econômicos através de empréstimos, ajuda, condições favoráveis de comércio. O crescente fluxo de investimento da Europa e Japão para os EUA, e vice-versa, apoiou a integração profunda de redes transversais de produção (Panitch e Gindin, 2012: 10).

Panitch e Gindin analisam a ascensão das atuais potências emergentes, em particular a China, em termos de sua integração no império informal norte-americano, e não como um desafio a ele. Isto não significa que a competição econô-

mica entre diferentes centros de acumulação seja inexistente. Ela é, entretanto, atenuada pela construção do capitalismo global, por meio de redes internacionais de produção e comércio integradas, da centralidade do dólar e dos títulos do Tesouro americano para os fluxos financeiros (e produtivos) globais, bem como a construção da infraestrutura institucional, jurídica e econômica de outros Estados nacionais de acordo com as determinações do Estado estadunidense, garantindo que o capital (estrangeiro ou doméstico) possa acumular sem restrições. Assim, a concepção do império informal construída sobre a penetração e coordenação de outros Estados para garantir a reprodução das relações capitalistas em cada formação social, assim como em nível global, tem sido uma grande influência para nossas análises dos investimentos diretos “Sul-Sul” e a ascensão dos BRICS (Garcia, 2017).

A análise de Panitch sobre a situação atual, transformada pelos quatro anos da administração de Donald Trump, ajuda a desenredar o quebra-cabeça entre o papel imperial dos EUA, sustentado por suas agências estatais cosmopolitas, e o recrudescimento dos ressentimentos e ansiedades sociais, condensados no patriotismo do *America First*. Para explicar isto, Panitch retorna a seu quadro analítico, desenvolvido e aprofundado através de anos de observação atenta e contribuições teóricas: a retórica *Make America Great Again*, de Trump, deve ser lida frente às contradições materiais e ideológicas produzidas pela globalização neoliberal, que implicou uma reestruturação econômica no próprio centro do Império. Este processo foi acompanhado, em particular, por uma pressão para baixo sobre os salários e benefícios, aprofundando a insegurança no emprego, bem como transformando os fluxos de mão-de-obra internacional e a migração mundial (Panitch e Gindin, 2019). Nesta linha, Panitch nos fornece uma perspectiva sobre como evitar a aceitação acrítica do diagnóstico generalizado do “declínio americano”, encontrado em muitas análises das RI, enxergando uma realidade mais complexa e instigando nossa capacidade analítica.

Esta entrevista – promovida pela rede Relações Internacionais e Marxismo (RIMA), em parceria com o Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e o *podcast* Chutando a Escada – foi realizada em 6 de novembro de 2020¹, após a eleição presidencial americana, que foi considerada a mais importante das últimas décadas. Panitch soube celebrar a derrota eleitoral de Trump, tendo em mente os limites da vitória de Joe Biden, tanto em termos do contínuo (e contraditório) papel imperial dos EUA, quanto em termos da possibilidade de superar a decadência social interna vivida pela classe trabalhadora estadunidense. Ele nos adverte que a tentativa de restauração da hegemonia ideológica do império informal, por uma presidência democrata, não será uma tarefa fácil. Ele também

¹ A entrevista completa está disponível em inglês no canal do Youtube da rede Relações Internacionais e Marxismo, em <<https://youtu.be/OXuWbUnSuOQ>>.

nos ajuda a enxergar além da superfície desses processos, olhando para o potencial de algumas das forças sociais de esquerda, trazidas pelas mesmas contradições que tornaram possível o Trumpismo, ajudando-nos a buscar a esperança para além do caos mais visível. Interessado e profundamente informado sobre a situação política no Brasil, Panitch foi capaz de enquadrá-la nos termos de sua análise, mas sempre nos convidando e estimulando a desenvolver nosso próprio entendimento sobre nossas singularidades. Suas análises sempre mostraram o cuidado para conter alarmismos, evitar conclusões rápidas, e buscar sobriedade e lucidez.

Leo Panitch foi um socialista e internacionalista. No fim do século XX, início do século XXI, diante de ausência de alternativas reais ao capitalismo, ele afirma que é necessário transcender o pessimismo político e resgatar a utopia. Um projeto socialista no século XXI precisa repensar a relação entre Estado e democracia, e precisa se comprometer com o desenvolvimento de capacidades que possam manter os objetivos utópicos visíveis (Panitch, 2008). Além disso, ele foi um professor, orientador e amigo cuja força, vitalidade e generosidade influenciaram toda uma geração. Panitch sempre buscou conectar e encontrar convergências, apesar das diferenças. Uma de suas maiores qualidades – aquela que revela quem são os grandes mestres – era lidar com as diferenças e colocar à frente as convergências para trabalhos conjuntos. Neste sentido, era um intelectual comprometido com as lutas nas grandes esferas da política e nas esferas “pequenas” do cotidiano. Suas formulações intelectuais correspondem à sua forma de ser e lidar com estudantes, secretários e pessoas comuns no dia-a-dia. Mais uma lição aos estudiosos das Relações Internacionais que ousam sonhar em mudar o mundo.

Pergunta 1 –

Nossa intenção com esta conversa com você é tentar compreender os processos mais profundos que vêm ocorrendo dentro do “Império”, e que têm efeitos no mundo, particularmente como o capitalismo global está sendo remodelado (ou não) devido a essas mudanças internas e profundas nos Estados Unidos.

Gostaríamos de começar pela crise política, econômica e social nos Estados Unidos. Muito se fala hoje sobre a “polarização”, a ascensão de grupos de extrema direita (de natureza neofascista)² de um lado, e de forças progressistas, expressas

² Um destes grupos de extrema-direita que ganhou visibilidade nestas eleições foi supremacista branco e machista *Proud Boys*, que costuma se envolver em violência política. Durante o primeiro debate presidencial de 2020, Trump foi desafiado tanto pelo moderador Chris Wallace, que se referiu a eles como milícias de direita, quanto por seu contendor Joe Biden a nomear e condenar o grupo, ao que ele respondeu com a famosa “stand back and stand still”. Este episódio ecoa a reação de Trump aos eventos de Charlottesville em 2017, no qual um manifestante antifascista foi morto.

na campanha de Sanders e no movimento *Black Lives Matter* (BLM)³, de outro. Como você avalia o resultado eleitoral em termos dos processos sociais mais profundos que estão ocorrendo na sociedade americana? E o que isso significa para o ambiente político-partidário americano no longo prazo? O que você chamou de ‘decadência social doméstica americana’ e as ansiedades populares se mostraram mais uma vez nítidas nos resultados eleitorais? Como podemos melhor compreendê-los?

Leo Panitch –

Nos anos 1930, acho que foi Adorno disse que “quem fala de fascismo e não fala de capitalismo deve ficar calado”⁴. Já faz alguns anos que digo que quem fala de capitalismo no século XXI e não fala de fascismo, deve ficar calado. Esse parece ser o caso, e obviamente, vocês veem isso no Brasil muito claramente. Quanto mais o capitalismo continua a existir, quanto mais tempo os socialistas mostraram-se incapazes de substituí-lo por algo humano, democrático e igualitário, maior é a probabilidade de que o fascismo ganhe mais e mais bases em uma estrutura capitalista no século XXI. E é isso que estamos vendo no coração do capitalismo global, nos Estados Unidos hoje. Já vimos tendências assim, não só no Brasil, mas na Europa Ocidental, na Índia, etc., mas o fato de isso acontecer nos Estados Unidos é obviamente muito significativo.

É muito interessante você ter colocado isso em termos do crescimento da polarização. Isso está acontecendo logo após o mundo ter se tornado capitalista em sua essência, isto é, nas relações sociais entre todos os seres humanos em todo o mundo no início do século XXI. Pela primeira vez na história precisamos dizer que, de fato, o mundo inteiro se tornou capitalista. Ao mesmo tempo, dentro de cada um dos Estados que fomentaram essa unanimidade do capitalismo ao redor do mundo, as polarizações explodiram. Primeiro, em termos de desigualdades de classe, construídas em algumas décadas de repressão ao sindicalismo, mas também através das mudanças na força de trabalho, encorajadas por um capitalismo global e uma fragmentação contínua das velhas comunidades da classe trabalhadora. Podemos chamar isso de deformação da classe trabalhadora, se preferir. Dentro desses países não vemos apenas a crescente polarização de classes na riqueza e na desigualdade de renda, mas também uma explosão de polarizações em torno de identidades. Isso está mais visível nos Estados Unidos, mas não só lá. Isso ocorre porque, dentre outras coisas, a globalização foi acom-

³ O movimento BLM, que ganhou força após o brutal assassinato de George Floyd pela polícia, em maio, levou a marchas por todo o país, que clamavam por justiça racial. Credita-se ao movimento o incremento no comparecimento de eleitores negros às urnas em estados eleitoralmente decisivos, como Geórgia e Pensilvânia.

⁴ Panitch refere-se, na verdade, a uma citação de Horkheimer no ensaio “Os Judeus e a Europa”, publicado em 1939.

panhada inevitavelmente de uma crise migratória em todo o mundo. Isso foi sentido de forma muito forte nos Estados Unidos, quando os migrantes da América Central e do México foram puxados para o mercado de trabalho estadunidense para fazer coisas, como regar os campos de golfe das corporações de Trump. Ao mesmo tempo, eles foram empurrados pelas terríveis condições nos países de onde vieram, induzidos por uma guerra externa ou, mais provavelmente, induzidos por guerras internas.

Então, vimos uma polarização de identidades. Nos EUA isso assume a forma de legado da escravidão (em certa medida isso é verdade no Brasil e seus efeitos são continuados), mas não menos no que diz respeito às formas como divide a classe trabalhadora. Embora o *Black Lives Matters* seja um fenômeno muito importante em relação à opressão policial – e muito importante para clamar por uma reestruturação do aparato estatal local em torno da polícia – não apenas mudando as políticas, mas realmente reorganizando o aparato. No entanto, por trás disso, a liderança do *Black Lives Matter* é muito inclinada a uma abordagem de “igualdade de oportunidades” do que para as desigualdades e polarização. É uma abordagem focada na mobilidade ascendente, de que deveria haver tantos diretores negros quanto diretores brancos, proporcional à população, etc. Infelizmente isso não resolve o problema fundamental da desigualdade.

Isso criou espaço para o crescimento (e elas não são novas) de milícias explicitamente fascistas, racistas e xenóforas, que são muito expressivas nos territórios, especialmente no momento atual. Trump aprendeu a falar com elas. Em alguma medida toda a sua *persona* refletiu essas milícias. Com isso, ele aumentou seu apoio nesta eleição, certamente aumentando o número de votos que obteve. O fenômeno é dividido regionalmente, mas mesmo na Califórnia ou em Nova York, Trump está obtendo 35% dos votos, o que é significativo em termos de ameaça fascista. Imaginem: um terço da população está votando neste cara. Ou seja, essas polarizações são muito significativas⁵.

Existe uma desconfiança em grande parte da população em relação à velha classe dominante. O fato de que uma maioria da população (às vezes muito mais do que isso, chega a 75%) diz que apoia Trump na economia, é preciso entender o que isso significa. Significa que “se o mercado de ações vai bem, a economia vai bem”? Será que, antes do vírus, havia baixo desemprego nos Estados Unidos (mesmo com empregos geralmente muito ruins e insalubres)? Ou será que esta é uma ‘palavra da moda’, uma forma de se referir à propriedade privada? O que as

⁵ Uma característica central das eleições estadunidenses de 2020 foi a extrema polarização entre os eleitores, apresentando uma nação profundamente dividida. Um dos aspectos mais marcantes e comentados foi o comparecimento recorde às urnas, o maior desde 1900. Se Biden obteve o maior número de votos, entre todos os candidatos à presidência da história dos Estados Unidos, Trump vem em segundo lugar. Este seria um resultado notável em condições normais, mas sob uma pandemia, torna-se ainda mais impressionante.

pessoas ouvem (certamente, em Miami, isso é o que aqueles que escaparam de governos de esquerda na América Latina estavam ouvindo) quando se fala de “economia” é propriedade privada, ou seja, sua própria riqueza. Essas pessoas estão surpreendentemente abertas à afirmação de que Joe Biden é um socialista. A indicação mais perigosa do crescimento do fascismo é a acusação de que o socialismo é uma grande força no país. Aí chega-se ao tipo de reação de forças anti-socialistas que Mussolini e Hitler tão bem representaram – em seus próprios termos, tão horrivelmente em nossos termos. Isso aumenta os riscos.

Do outro lado, temos a campanha de Sanders – na verdade, começando antes com *Occupy Wall Street* – que atraiu milhares de jovens para a política, e os levou de protestos como *Occupy* para tentar, de fato, buscar entrar no Estado e construir uma certa infraestrutura. O DSA (Democratic Socialists of America) tinha antes de Sanders uns 5.000 membros, todos com uma média etária tão velha quanto a minha, agora tem 60.000 membros com idade média de menos de 30 anos. Isso é uma coisa maravilhosa e eu acho que é um bom presságio para o futuro, na medida em que essa juventude pode se transformar em organizadores, engajando-se novamente de formação de classe, com uma classe trabalhadora que está tão deformada. Essa juventude pode lançar-se no movimento sindical de forma a mudar os decrépitos sindicatos burocráticos (há exceções, como os professores e enfermeiros, que são sindicatos novos e dinâmicos, mas a maioria não é). Essa é a condição *sina qua non* para construir uma esquerda que seja capaz de assumir isso. Mas, à medida que se torna mais capaz, isso aumenta os riscos em face às tendências fascistas. É isso que precisamos buscar internamente nos Estados Unidos, mas obviamente não só nos Estados Unidos, no Brasil também.

Pergunta 2 –

Gostaríamos de explorar o conceito de “império informal norte-americano” que você desenvolveu com o Sam Gindin no início dos anos 2000, e que nós consideramos ser muito útil para compreender os determinantes, tanto internos como externos, da construção do capitalismo globalizado liderado pelos EUA.

Em 2019, você não relacionava o Trumpismo à desglobalização, mostrando dados sobre investimento, comércio, etc. Hoje, o mundo está enfrentando uma crise muito profunda devido à pandemia, que é única em sua natureza, especialmente se a compararmos com a crise financeira, predominantemente norte-atlântica, de 2008-09. A atual crise financeira desorganiza, de alguma forma, as bases materiais e ideológicas do “império informal norte-americano”?

Leo Panitch –

Vocês estão se referindo ao ensaio no Socialist Register, que Sam Gindin e eu escrevemos em 2019, intitulado *Trumping the empire*. Eu acho que temos que

voltar um passo para darmos um tratamento teórico a isso, nos termos da economia política internacional. Vocês se lembrarão que a palavra globalização se tornou um modismo na vida acadêmica no início dos anos 1990. Todos estavam utilizando-a no sentido de que o capital teria contornado ou escapado aos Estados. Isto se tornou hoje para estas pessoas, vergonhosamente, errado. Isto já era absurdo naquela época e, agora, é patentemente absurdo. Acordos de livre-comércio não foram celebrados entre empresas, mas entre Estados. Os Estados foram os autores da globalização e foi necessária muita regulação para que isso acontecesse. Era sobre isso que versavam os tratados de livre-comércio e muitos outros tratados internacionais.

Naquele momento, a correlação de forças política nos países capitalistas líderes, incluindo aquele se tornaria capitalista (o chinês), era tal que permitiu apoiar, facilitar, auxiliar a administrar as contradições da mobilidade transnacional do capital. Permitiu o tratamento similar entre o capital internacional e o capital nacional, o máximo possível, dentro de cada um dos Estados individuais. Isso não quer dizer que eles não estivessem apoiando suas corporações multinacionais, eles estavam. Mas eles também estavam se comprometendo, domesticamente, a tratar o capital estrangeiro em seus próprios países como capital nacional.

Ao mesmo tempo, havia outra teorização sendo feita, construída a partir da teoria marxista do imperialismo, ainda que esta contivesse alguns legados de teorias convencionais das Relações Internacionais. Foi a ideia de que a história mundial deve ser contada por meio da ascensão e queda dos impérios. Giovanni Arrighi a representou em sua melhor e mais profunda forma⁶. No entendimento de Arrighi, o capital financeiro deve ser visto como central para a ascensão e a queda dos impérios. Então, tivemos uma longa tradição, na herança teórica marxista, da rivalidade inter-imperialista, que foi revitalizada. E muitas teorias convencionais de Relações Internacionais, como vocês bem sabem, nunca olham para dentro dos Estados. Elas veem o mundo como uma mesa de bilhar, com os Estados como bolas que se chocam umas contra as outras, desenvolvendo estratégias sobre como melhor se chocar uns com os outros, já que o que elas queriam, sobretudo, era aconselhar governos.

Entretanto, parecia-me naquela época, e me parece estar mais do que provado agora, que as principais polarizações, contradições e conflitos internacionais não residem, no capitalismo global que agora temos, entre os Estados, mas dentro dos Estados. Em outras palavras, se globalização tem sido desafiada e fragilizada, isto se deve às polarizações, contradições e conflitos dentro dos Estados, muito mais do que entre eles. Os Estados, naturalmente, utilizarão as

⁶ Arrighi, Giovanni. *O longo século XX*. Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.

forças domésticas que se opõem à globalização. Eles poderão tentar desfazer algumas das conexões internacionais. Isso é visto tanto na direita alemã ou na italiana, dentro da União Europeia, bem como as forças Trumpistas dentro dos EUA, que agora se espalharam e que, de alguma forma, já eram mobilizadas pelos democratas antes de Trump, tornando a China uma vilã.

Na verdade, houve pouquíssima ‘desglobalização’, eu diria quase nenhuma. Na verdade, vemos o inverso: quando se olha para a quantidade de capital circulando no mundo; quando se olha para os efeitos das tarifas americanas no volume de comércio (os EUA têm um déficit comercial com a China maior agora do que antes de Trump introduzir as tarifas); e certamente quando olhamos para o grau de integração financeira. Durante os três ou quatro últimos anos, os chineses têm sido mais abertos que nunca e Wall Street mais determinada a incorporá-los. Wall Street quer, desesperadamente, ser capaz de lucrar e fazer dinheiro com a enorme quantidade de capital acumulado internamente na China. Neste país as pessoas estão adquirindo títulos do governo ou mantendo seu dinheiro em contas correntes. Não existe um mercado secundário digno do nome na China e eles têm se aberto. Logo no início da pandemia, em 1º de abril, o JP Morgan gastou 1 bilhão de dólares, aproveitando-se de uma nova regulação introduzida pelos chineses, que permite às empresas financeira estadunidenses adquirirem a propriedade de mais de 50% de todas as empresas financeiras chinesas⁷.

Apesar de interrupções no comércio relacionadas à pandemia, vê-se, ao mesmo tempo, como a empresas chinesas se tornaram provedoras de equipamentos de proteção individual. Assim, eu não vejo, de forma alguma, que tenha havido desglobalização. Não seria fácil para a Apple, da noite para o dia, trocar os componentes que são produzidos no exterior, em geral, na China, de forma profundamente integrada e, ironicamente, por empresas de Taiwan ou japonesas (operando na China). Houve alguma realocação de produção para o Vietnã, etc., devido aos salários mais baixos, mas em termos das grandes tendências, nós não estamos assistindo a uma desglobalização e, de fato, e eu não penso que alguém como Trump queira uma. No fim das contas, o que ele quer é ser capaz de construir *Trump Towers* em Pequim e Shanghai ou, na verdade, em qualquer cidade chinesa com mais de um milhão de habitantes.

Em suma, não é uma questão de desglobalização. O fato de que os Estados tiveram que, nos últimos 30-40 anos, legitimar-se a si mesmos enquanto promoviam a globalização alegando que seria em nome do “interesse nacional” (o que todos fizeram) – isso levou a uma enorme contradição ideológica, política e

⁷ ‘JPMorgan Takes Full Control of Chinese Mutual Fund Joint Venture’. *Bloomberg*, 3 Abril 2020, em <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-04-03/jpmorgan-takes-full-control-of-chinese-mutual-fund-joint-venture>>. ‘JPMorgan gets China’s nod for first fully foreign-owned futures business’. *Reuters*, 18 Junho 2020, em <<https://www.reuters.com/article/us-china-markets-futures-jpmorgan-idUSKBN23P1J9>>. (Acesso em Dezembro, 2020).

discursiva. Conforme mais e mais pessoas se sentiam vítimas da globalização, ou motivavam-se por atitudes xenófobas ou racistas contra imigrantes, cada vez mais alguns grupos foram capazes de utilizar a legitimação do nacionalismo (o “interesse nacional”), para angariar apoio, de tipo retórico e ideológico, contra a globalização. Nós podemos ver com Trump, e eu acho que também com Bolsonaro, que isso não significa que eles irão se retirar do capitalismo global, longe disso. Há muitas evidências que mesmo os capitalistas que os apoiam não os deixariam fazê-lo, sem contar o grande número de capitalistas que não os apoiam.

O fascismo é um fenômeno transversal às classes sociais e sempre o foi. Está tomando uma forma diferente hoje, mas sempre foi assim. Penso que o fato de que os Estados foram tão importantes na construção da globalização significa que são os conflitos de classe, os conflitos sociais, dentro dos Estados o que realmente importa, mais do que a rivalidade inter-imperialista. Não foi a ascensão da China que produziu desglobalização, de forma alguma. Trata-se dos conflitos internos aos Estados.

Pergunta 3 –

Aprofundando um pouco mais esta discussão, gostaríamos de adentrar o papel do cosmopolitismo e do nacionalismo dentro dos Estados Unidos. Nos seus trabalhos, você sustenta que o cosmopolitismo (exemplificado pelos democratas como Bill Clinton, Hillary Clinton, Barack Obama e agora Joe Biden) era necessário para sustentar o império informal dos Estados Unidos. Por outro lado, a última corrida presidencial nos mostrou que o Trumpismo, com suas estratégias neofascistas, é uma força social robusta (e talvez permanente) dentro da sociedade americana. Você também afirmou que o Trumpismo deve ser entendido como um fenômeno mais amplo do que o próprio Trump. Diante disso, como avalia o papel e os impactos do Trumpismo para o império informal dos EUA?

Leo Panitch –

Esse foi o tema central do ensaio *Trumping the empire*, publicado no Social Register em 2019. Acho que é aí que agora temos que levar isto. Até mesmo os cosmopolitas dos Clintons ou de Robert Rubin no Tesouro são, em sua maioria, a epítome disto. Eles estavam envolvidos em algo contraditório porque estavam, ao mesmo tempo, dizendo que tudo isso era nome do interesse nacional, mas suas políticas estavam repletas do discurso vazio “sonho americano”. Na verdade, Clinton era visto como “o presidente negro”, porque ele propagava aquela bobagem do “sonho americano” mais em relação aos negros estadunidenses.

A tese central de nosso livro *The Making of Global Capitalism* era que, por razões históricas muito específicas (não havia uma resposta teórica abstrata para isso), os Estados Unidos passaram a desempenhar o papel central na construção do capitalismo global, fazendo todas as coisas que Estados nacionais estavam

fazendo, tal como disse em minha resposta à pergunta anterior. A internacionalização dos Estados foi melhor representada pelos Estados Unidos. Quando me refiro à internacionalização dos Estados, não me refiro à formação da União Europeia ou muito menos das Nações Unidas. Quero dizer, antes, que os Estados assumiram para si a responsabilidade não apenas de administrar suas economias domésticas e facilitar a acumulação de capital dentro delas, mas também de administrar as contradições, as irracionalidades, as tendências de crise do capitalismo internacional. À medida que introduziam políticas domésticas, eles sempre o fizeram tendo em vista o quanto isso contribuía para a gestão do capitalismo global. Nesse sentido, são genuinamente cosmopolitas. Certamente, esta teoria da internacionalização do Estado deveria ser, penso eu imodestamente, um alicerce para a compreensão do século XXI e suas contradições.

O que vimos com Trump, nos Estados Unidos, é um desnudamento de instituições que fazem este trabalho: o Departamento de Estado e o Tesouro. O Tesouro americano funcionava essencialmente como o secretário executivo do G7. Esse departamento criou o G7 na década de 1970, após o colapso de Bretton Woods no auge da crise do dólar, que era um reflexo do movimento de capital sem regulamentação em todo o mundo já na década de 1960. Funcionou também como secretário executivo e criador do G20. No auge da crise financeira de 2007-8, coube ao governo George Bush reunir os chefes de Estado do G20 e assinar uma declaração, todos os anos reeditada pelo grupo, dizendo que se comprometem, diante desta terceira grande crise global do capitalismo, a não voltar às políticas dos anos 1930 e a manter o compromisso com o livre comércio, a livre mobilidade dos capitais, etc. Trump obviamente não desempenhou esse papel, para dizer o mínimo. O Tesouro não tem interesse nem capacidade para o fazer este trabalho. Este é o indicador mais importante e significativo da perda de capacidade dos Estados Unidos de desempenhar aquele papel crucial que nenhum outro Estado desempenhou. E os chineses continuam clamando para que os Estados Unidos assumam suas responsabilidades no mundo. Isso está longe daquela ridícula ideia de que “a China é uma ameaça aos Estados Unidos”, “a China quer que o renminbi valha como ouro”, etc.

Por outro lado, e aqui está uma grande ironia – especialmente para aqueles que conhecem o Brasil e observaram as tentativas de tornar o banco central independente tão de perto – o termo “banco central independente” significa independente de governos democraticamente eleitos. Ou seja, bancos centrais livres das pressões para dar prioridade a manutenção de empregos em vez de combater a inflação. Neste sentido, independência significa independência da democracia burguesa.

A independência do Fed provou, mais do que nunca (não só na crise de 2007, mas também na pandemia), que atua como o banqueiro do mundo. O Fed é o banco central do mundo e tem atuado de forma funcional para a reprodução

do capitalismo global. Fez isso com grande entusiasmo em março de 2020. Claro, o Fed buscava saber se os bancos e as instituições de crédito estadunidenses permaneceriam viáveis, mas ao mesmo tempo, na medida em que fazia isso, ele estava ciente de que qualquer instabilidade afundaria os bancos da Europa. Estes se encontravam em situação muito mais vulnerável se comparada com os bancos estadunidenses, devido à quantidade de regulamentação que o Fed implementou entre 2010 e 2020. Portanto, o Fed tem atuado de forma representativa na internacionalização do Estado.

Vale notar que isto costumava ser escondido do povo americano. Era a contradição mais visível, e escrevemos sobre este “patrocínio” dos EUA à globalização no livro. Quando o Tesouro e o Fed organizaram o resgate ao México durante a crise do peso em 1994, tentaram esconder o resgate do Congresso⁸. Eles não queriam que o Congresso pudesse dizer “o que você está fazendo emprestando dinheiro dos contribuintes para um sistema bancário mexicano?”. Claro, eles estavam apenas emprestando para que pudessem pagar de volta a Wall Street. Ainda assim, era um Congresso de maioria democrática na época. Não se trata, portanto, de algo específico do partido republicano. Em 1997-98, eles fizeram a mesma coisa. Nas duas oportunidades fizeram tudo o que podiam para que os alemães, que são os menos orientados para a internacionalização do Estado apesar da União Europeia, concordassem com isso. Eles sempre foram recalcitrantes no G7 neste tema.

O que vemos hoje é o Fed, não o Tesouro (embora o Tesouro não esteja vetando, o que também é significativo), desempenhando esse papel na atual crise pandêmica e sendo um pouco menos cauteloso em dizê-lo, o que é interessante. Ao mesmo tempo em que assistimos a todo esse nacionalismo, as pessoas aceitaram que o Fed desempenhe esse papel internacional. As pessoas parecem correr em dois trilhos diferentes. Isso tudo mostra que o nacionalismo não tem relação com desglobalização, porque eles enxergam isso como algo essencial, mesmo que estejam pensando na economia em termos das suas próprias pensões. Eles detêm informações suficientes para saber que o que o mercado de ações está refletindo também a propriedade da (ou investimentos na) mineradora brasileira Vale pelos fundos de hedge americanos.

Em todo caso, o crucial é ver como o Estado americano está perdendo a capacidade de administrar um capitalismo global cada vez mais incontrollável. Isso é o crucial a ser investigado, mas este processo está longe de estar completamente completo e pode ser desfeito. Se ele se tornar cada vez mais desfeito, os perigos são de uma maior dependência dos aspectos autoritários do Estado ame-

⁸ Panitch e Gindin discutem a crise do México, o programa de ajuste estrutural aplicado pelo FMI, e o papel do Tesouro e do Fed na gestão da crise em seu livro *The Making of Global Capitalism*, pp. 214-217.

ricano, incluindo os militares e o aparato de segurança. Basta ver toda a bagunça que o aparato militar e de segurança tem feito em grande parte do mundo, sobretudo do Oriente Médio. A menos que haja forças socialistas que vão, em dez anos, ser capazes de realmente fornecer uma alternativa estratégica de longo prazo, fico pensando em Adorno dizendo a Kafka, “há esperança?”, e Kafka respondendo “claro que há, mas não para nós”⁹.

Pergunta 4 –

Uma das principais preocupações da política externa dos Estados Unidos, principalmente a partir do século XXI, é a China. Mas a China não é apenas uma ameaça geopolítica (como foi a URSS), ela é vista como uma ameaça ao próprio funcionamento do capitalismo nos EUA devido à ameaça ao emprego. Nos parece correto dizer que a China é um tema bipartidário na política dos Estados Unidos, apesar de os partidos republicano e democrata discordarem sobre a metodologia e as soluções para lidar com a China. Na sua avaliação, como vão se desenvolver as relações EUA-China no próximo período, em um contexto em que a China já está se recuperando e ocupando posições cada vez mais importantes de governança global?

Para as forças sociais de esquerda nos EUA, como lutar por melhores condições de emprego e por justiça ambiental, sem colocar a China como uma ameaça e, assim, correr o risco de estar ao lado dos Trumpistas? Existe uma abordagem não-nacionalista ou solução não-xenófoba para lidar com a China por parte das classes trabalhadoras americanas?

Leo Panitch –

Primeiramente, é importante esclarecer algumas coisas. A reestruturação da indústria estadunidense não começa quando a China ingressa na OMC – o que, aliás, só ocorre com a aquiescência estadunidense, após resistirem por muito tempo. A aceitação estadunidense veio sob enorme pressão da classe capitalista nos EUA, especialmente de Wall Street. Assim, a reestruturação da indústria estadunidense não começa com a admissão da China na OMC, em 2001. Ela começa nos anos 1980, com a forma como foi resolvida a crise do dólar, a crise de rentabilidade dos anos 1970 – que foi o desemprego maciço introduzido pelo choque de Volcker, forçando empresas automobilísticas, que haviam sido resgatadas, a reabrirem seus contratos e reduzir os salários e benefícios dos trabalhadores; e o deslocamento crescente da indústria automobilística, das cidades do

⁹ Panitch refere-se a um diálogo que é, na verdade, entre Max Brod e Franz Kafka, citado por Walter Benjamin: “Existiria então esperança, fora desse mundo de aparências que conhecemos? Ele ri: há esperança suficiente, esperança infinita – mas não para nós”. Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. História sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 142.

nordeste para o sul dos EUA, primeiramente, e até a zona rural de Ohio ou a Pensilvânia. Essa reestruturação, que tanto alterou as capacidades da classe trabalhadora estadunidense, antecede, em muito, a China.

E por que essas fábricas foram deslocadas para o sul? Foram deslocadas fábricas que são propriedade de empresas alemãs e japonesas, que são tratadas da mesma forma que o capital estadunidense e que são, na verdade, induzidas por subsídios destes estados sulinos. Nada disso pode ser explicado em termos da emergência “repentina” da China. Sem dúvida, o que torna a globalização viável por um período, é que os produtos chineses, demasiadamente baratos – ou os componentes chineses que barateiam os produtos, são direcionados ao mercado consumidor estadunidense: calças jeans que são importadas pelo Walmart e que são usadas para retirar um pequeno fabricante ou varejista do mercado, frequentemente, nestas pequenas áreas rurais. Isso significa que o trabalhador estadunidense pôde reproduzir seu padrão de vida, ainda que tenha sofrido uma importante queda salarial relativa, porque consumir uma calça jeans ou um celular ficou mais barato.

É necessário ver isso como um todo integrado. As pessoas que falam sobre o choque chinês (“tudo é culpa da China”) não estão entendendo isto. Elas não estão inserindo em termos de onde a China se encaixa nesta história e em quais aspectos. Ela se encaixa ao menos em termos da internacionalização do capital financeiro, como eu estava falando anteriormente. Neste sentido, as forças que continuarão a promover uma maior integração com a China serão muito poderosas. É neste sentido que Biden irá se utilizar da retórica anti-China de modo a facilitar mais e mais a abertura dos serviços financeiros na China, que serão administradas (e que produzirão lucros ou mais-valia) por companhias financeiras, não apenas estadunidenses, obviamente, mas predominantemente estadunidenses.

Agora, se nós somos realmente socialistas, não há nada errado com a palavra “proteção”. O que mais um governo socialista faria a não ser proteger a sua classe trabalhadora? Nós não somos globalizadores capitalistas. Nós queremos encontrar uma saída da globalização capitalista. Nós queremos mais desenvolvimento econômico orientado para dentro. Nós queremos mais investimento planejado. Não há nenhuma maneira imaginável de lidar com a escala da crise ambiental sem planejamento econômico. É absolutamente inconcebível. E a maneira pela qual os Estados internacionalizaram-se, eles se internacionalizaram para facilitar a competição por capital, não o controle democrático sobre os investimentos. Então, nós estamos buscando uma forma de desglobalizar, mas de uma maneira não xenofóbica e não racista. Dito isto, eu consigo totalmente conceber uma demanda por planejamento econômico democrático no Brasil, por exemplo, puxado pelo fim da agricultura de exportação, como prioridade máxima para alimentar mais de 200 milhões de pessoas de maneira equi-

librada. Eu posso facilmente imaginar demandas para um planejamento econômico democrático nos EUA, ou no Canadá, de uma forma que seja mais orientada para a produção doméstica, que seja mais equilibrada e que, acima de tudo, equilibre radicalmente a produção ambientalmente solidária.

Nós teríamos que fazer isso de uma forma que não visasse um inimigo. Essa é a forma indigna de fazê-lo. Considerando a superficialidade, em muitos aspectos, do Acordo de Paris, nós precisaríamos construí-lo a partir de normas que legitimem ou, ao menos, digam que nós queremos fazer isso junto com a China, ajudando-a a superar as suas próprias contradições (porque há uma terrível polarização de renda e riqueza na China) e sua capacidade de planejamento tem sido, mesmo em termos capitalistas, desafiada.

Portanto, nós queremos fazer isso em conjunto com outros países. Isto não será feito do dia para a noite, obviamente. Temos que ser capazes de reconstruir fábricas que produzam calças jeans nos EUA novamente, certo? Mas nós podemos fazer isso de uma maneira que diga “nós estaremos comprometidos com isso, nós daremos passos nesta direção e, ao fazê-lo, nós tentaremos aprender com vocês, e tentaremos uma forma que construa apoio para nós.” Claro que é mais fácil falar do que fazer, mas eu não vejo nenhum outro caminho adiante, não apenas para a esquerda socialista, mas para a humanidade, no século XXI.

Referências

- Garcia, Ana. BRICS investment agreements in Africa: more of the same? *Studies in Political Economy* 98:1, 2017, 24-47.
- Garcia, Ana and Caio Bugiati. Repensando o Estado e o imperialismo nas Relações Internacionais: as contribuições teóricas de Leo Panitch. *Revista de Estudos Internacionais* (REI), Vol. 10 (2), 2019, 3-18.
- Panitch, Leo and Sam Gindin. *The making of global capitalism*. The political economy of American empire. New York, London: Verso, 2012.
- Panitch, Leo and Sam Gindin. Global capitalism and American Empire. *Socialist Register* 2004, The new imperial challenge. Edited by Leo Panitch and Colin Leys. London: Merlin Press.
- Panitch, Leo and Sam Gindin. Trumping the empire. *Socialist Register* 2019, A world turned upside down? Edited by Leo Panitch and Greg Albo. London: Merlin Press.
- Panitch, Leo. *Renewing socialism*. Transforming democracy, strategy and imagination. The Merlin Press, 2008.

Recebido em 30 de dezembro de 2020

Aprovado em 6 de janeiro de 2021